

DIVINA
COMÉDIA
DANTE
ALIGHIERI

Itálica

A coleção Itálica da Imprensa Nacional pretende disponibilizar ao grande público a obra de autores italianos clássicos e modernos, estimulando o conhecimento, pelo público português, de nomes incontornáveis do cânone da literatura italiana, pouco editados ou pura e simplesmente esquecidos pelo mercado português.

Itálica

*DIVINA
COMÉDIA*

DE

*DANTE
ALIGHIERI*

TRADUÇÃO DE

JORGE VAZ DE CARVALHO

NO ANO DE

MMXXI

PARA A COLEÇÃO

Itálica

IMPrensa NACIONAL
é a marca editorial da INCM
IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.
Av. de António José de Almeida, 1000-042 Lisboa
www.impresnacional.pt · www.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
editorial.apoiocliente@incm.pt

© 2021, IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

Coleção ITÁLICA
Direção literária ANTÓNIO MEGA FERREIRA
Título DIVINA COMÉDIA
Autor DANTE ALIGHIERI
Tradução JORGE VAZ DE CARVALHO
Coordenação editorial PAULA MENDES (INCM)
Revisão editorial MADALENA ALFAIA
Revisão tipográfica DIOGO SILVA
Direção de arte RÚBEN DIAS e FÁBIO MARTINS
Design e paginação ITEMZERO
Impressão e acabamentos IMPrensa
NACIONAL-CASA DA MOEDA

Primeira edição SETEMBRO 2021
Depósito legal 487471/21 · ISBN 978-972-27-2787-7
Número de edição 1023413

11	Prefácio
35	<i>Inferno</i>
345	<i>Purgatório</i>
651	<i>Paraíso</i>

A viagem pelas três condições da eternidade cristã, Inferno, Purgatório e Paraíso, narrada na *Comédia* de Dante Alighieri, decorre entre a alba de 25 de março (em que a tradição situava a criação do mundo e a encarnação de Cristo) e 31 de março de 1300, o ano do primeiro Jubileu católico¹, no equinócio da primavera, quando se iniciava um novo século. Dante, nascido sob o signo Gémeos em 1265, tinha então 35 anos e estava, segundo a ideia do tempo, «no meio do caminho em sua vida».

O poeta terá começado a escrever o *Inferno* cerca de 1307 e terminado em 1309, o *Purgatório* estaria concluído em 1314 e o *Paraíso* pouco antes da sua morte, em setembro de 1321. A criação da *Comédia* realiza-se, pois, ao longo da terrível experiência do exílio, decretado por injustiça política em 1302, que forçou Dante a deixar os bens, a mulher e os filhos, e a não mais voltar à Florença natal. Esta crise pessoal surge integrada na perspectiva da crise profunda da cristandade², abalada nos fundamentos políticos, sociais, religiosos, morais e culturais, degenerada nos valores que a haviam tornado referência civilizacional, e que urgia sanar, a bem da felicidade na Terra e da salvação eterna. No cume de toda a degradação via Dante os poderes universais do Império e da Igreja: vacante o trono do imperador e usurpado o de Pedro, ausentes as figuras de autoridade política e religiosa que dirigissem o temporal e o espiritual, pervertiam-se os princípios sagrados e prevalecia infrene a «cega cupidez», origem de toda a prepotência, discórdia, corrupção e injustiça; e, como consequência da avidez de domínio e riquezas, grassavam as guerras entre reinos e senhores, os conflitos entre nobres e papado, as disputas entre as cidades rivais e a violência entre as fações políticas inconciliáveis de cada cidade.

Perante tal estado de coisas, Dante (como escreve na carta aos cardeais reunidos em conclave em Carpentras, após a

1. Jubileu promulgado pelo papa Bonifácio VIII, com a bula *Antiquorum habei digna fida relatio*, de 22 de fevereiro de 1300, para oferecer a remissão dos pecados aos peregrinos que se deslocaram a Roma, durante esse ano, a visitar as basílicas de São Pedro e São Paulo.

2. Basta recordar que Filipe IV de França mandou supliciar e exterminar os cavaleiros Templários, em 1307, e que, em 1309, levou Clemente V a deslocar a sede papal de Roma para Avinhão, o que esteve na origem do chamado Grande Cisma do Ocidente, que durou entre 1378 e 1417.

morte de Clemente v, para eleição do novo papa, na qual acusa os responsáveis eclesiásticos de transcurarem a condução do carro da Igreja, levando-o ao precipício), embora se diga «a última das ovelhas do pasto de Jesus Cristo», sente *autoridade* para devotar a sua voz laica, isolada e pia a uma alta missão salvífica. Na vasta epístola a Cangrande della Scala, senhor de Verona, junto de quem encontrou hospitalidade num período entre 1316 e 1319, e dedicatário do *Paraíso*, Dante explicita o propósito da sua *Comédia*: «o fim do todo e da parte é remover os viventes desta vida de um estado de miséria e conduzi-los a um estado de felicidade» (xv, 39).

Dante representa-se no poema como protagonista a quem fora concedido em vida conhecer o outro mundo. Não sendo herói nem santo, achara-se indigno do que até então fora proporcionado apenas a Eneias (cuja descida ao Averno para encontrar a sombra do pai Anquises é narrada no Canto vi da epopeia virgiliana) e a Paulo de Tarso («arrebatado para o paraíso», como se diz, na II Carta aos Coríntios, XII, 2-4)³. Mas tal privilégio faz parte de um plano de Deus: se o poeta recebeu da natureza e da graça divina o engenho, foi para testemunhar à humanidade transviada a visão do estado das almas após a morte, as penas infernais, as expiações de purificação e os júbilos da redenção paradisíaca, prémios ou punições que a justiça divina destina eternamente à pessoa, segundo o bom ou mau uso que durante a passagem pela vida terrena fez do livre-arbítrio, virtude que a mente humana possui para deliberar e orientar as decisões, criando a responsabilidade pelas escolhas voluntárias⁴. Ao revelar, através da dicção poética e predição profética, o exemplo da experiência ultramundana por que se salva, Dante ensina ao leitor como se pode salvar, arrependendo-se dos pecados e seguindo a ética cristã, segundo as regras do amor, da paz e da justiça, para o convívio harmonioso na Terra e o merecimento da união com Deus, fim para que a alma é criada. Homem de pensamento e ação, de filosofia e ciência, sábio e profeta, o poeta assume-se como mensageiro divino e a escritura da *Comédia*, na verdade de que é portadora, toma o valor apostólico de um novo Apocalipse e de um novo Testamento.

O título do poema é esclarecido na epístola a Cangrande della Scala (x, 28-31), conforme a etimologia da palavra «comédia», que duas vezes o designa (*Inf.* xvi, 128, e xxi, 2): *comos* + *oda*, ou seja, «canto vilão». A humildade não esconde que «é um certo género de narração poética que difere de todos os outros». A *Comédia* (o adjetivo *Divina* é acrescentamento posterior de Giovanni Boccaccio, fixado a partir do frontispício da edição veneziana de 1555) difere da tragédia *in materia*, ou seja, quanto ao assunto, pois, palavras do epistológrafo, começa com uma situação «áspera» e se torna «no fim propícia, desejável e agradável», enquanto a tragédia principia de modo admirável e pacífico e a conclusão é «fétida e horrível»; difere *in modo loquendi*, ou seja, no estilo «elevado e sublime», por exemplo, na *Eneida*⁵, «modesto e humilde» no poema dantesco.

Comédia é também porque Dante escolhe escrever não no latim da comunicação douta, dos textos da religião, filosofia, ciência ou direito, artificialmente instruído pelo estudo da gramática, mas na *língua vulgar*, a fala que as crianças aprendem naturalmente articulando os sons ao colo das amas (*De vulgari eloquentia* 1, 1, 2), de uso comum pela gente mesmo plebeia e iletrada. O poema não se destina apenas a literatos, mas a todos os que, para seu bem e da sociedade, têm a necessidade de uma pedagogia moral ou, no dizer do autor, de um nobre ensinamento. Dante considera o *vulgar*, pela anterioridade, naturalidade e universalidade, «mais nobre» do que o latim. Trabalhado nas virtualidades estéticas, prova toda a sua capacidade expressiva, o alcance e a precisão terminológicos, a ductilidade para dar voz aos vários matizes da realidade e da fantasia, elevando-se à dignidade literária de uma verdadeira língua italiana de cultura.

Comédia se diz ainda pela liberdade linguística do autor que, tendo como base o florentino materno de finais do século

3. Espantado, Dante questiona Virgílio: «Mas eu, porquê lá ir? quem dá mercê?/ Eu não Eneias, eu não Paulo sou;/ digno de tal nem eu nem outro o cré» (*Inf.* II, 31-33).

4. Cf. *Purg.* XVI e XVIII, 61-73.

5. Virgílio chama «alta tragédia» à sua epopeia (*Inf.* XX, 112-113). Os termos *tragédia* e *comédia* tinham já perdido a relação com a representação teatral, distinguindo antes conteúdos, tipos de personagens e estilos.

XIII, acolhe uma ampla diversidade lexical (a que não é alheio o contacto do intelectual exilado e nómada com diversos vulgares italianos ao longo de duas décadas), enriquece-se de sicilianismos, provencianismos e galicismos, recorre amiúde a latinismos e construções latinizantes (usados contextualmente sobretudo em condições solenes, a partir de referências clássicas, bíblicas, da teologia escolástica ou da filosofia aristotélica-tomística e das obras de ciência medieval), mostra colorações arcaicas e amplia-se de neologismos. A qualificação de «Comédia» admite a pluralidade estilística que a tragédia exclui, e essa é uma qualidade maior do poema: não só na ascese literária da primeira para a terceira cantiga, como na variação no interior de cada uma (lemos no *Inferno* elevações trágicas, qual a narração do conde Ugolino no canto xxxiii; e no *Paraíso*, termos crus, como na invetiva de S. Pedro contra o papa Bonifácio VIII e a igreja corrupta no canto xxvii); versos mimetizam a tradição da lírica cortês (no episódio de Francesca da Rimini, *Inferno*, v), ou dão forma poética a matéria científica (geometria, astronomia, ótica), filosófica e teológica; outros usam a linguagem popular, grotesca e mesmo obscena, adequando-se coerentemente à conveniência das diferentes temáticas, situações e personagens.

Comédia se diz, por fim, porque o protagonista, como se assinalou, não é herói nem santo, mas um membro comum da humanidade (personificando-a alegoricamente), que, embora eleito pela graça divina que lhe concede a viagem e o talento para a contar, mostra a desorientação do estado pecaminoso, hesita duvidoso das próprias capacidades, frágil na razão e desanimado na vontade para enfrentar a «honrada empresa», desmaia de terror, desespera no caminho, necessita de ser guiado, alentado, reconfortado e instruído, aceita humilde e filial esclarecimentos, censuras e orientações de Virgílio e Beatriz, até que, limpo e renascido, como um novo Adão antes da Queda, merece a visão de Deus.

Nel mezzo del cammin di nostra vita
 mi ritrovai per una selva oscura,
 3 che la diritta via era smarrita.
 Ahi quanto a dir qual era è cosa dura
 esta selva selvaggia e aspra e forte
 6 che nel pensier rinnova la paura!
 Tant' è amara che poco è più morte;
 ma per trattar del ben ch'ì vi trovai,
 9 dirò de l'altre cose ch'ì v'ho scorte.
 Io non so ben ridir com' i' v'intraì,
 tant' era pien di sonno a quel punto
 12 che la verace via abbandonai.
 Ma poi ch'ì fui al piè d'un colle giunto,
 là dove terminava quella valle
 15 che m'avea di paura il cor compunto,
 guardai in alto e vidi le sue spalle
 vestite già de' raggi del pianeta
 18 che mena dritto altrui per ogni calle.
 Allor fu la paura un poco queta,
 che nel lago del cor m'era durata
 21 la notte ch'ì passai con tanta pieta.
 E come quei che con lena affannata,
 uscito fuor del pelago a la riva,
 24 si volge a l'acqua perigliosa e guata,
 così l'animo mio, ch'ancor fuggiva,
 si volse a retro a rimirar lo passo
 27 che non lasciò già mai persona viva.
 Poi ch'èi posato un poco il corpo lasso,

No meio do caminho em nossa vida
 eu me encontrei por uma selva escura,
 3 pois que a direita via era perdida.
 Ai, quão dizer como era é coisa dura
 esta selva selvagem e aspra e forte
 6 que no pensar renova a tremura!
 Tanto é amarga que pouco é mais morte;
 mas p'ra tratar do bem que aí achei,
 9 direi de coisas vistas de outra sorte.
 Não sei bem redizer lá como entrei,
 tão pleno era de sono o meu estado
 12 que a verdadeira via abandonei.
 Mas tendo ao pé de um monte então chegado,
 lá onde terminava aquele val'
 15 que o cor me pôs de medo contristado,
 olhei o alto e vi o seu dorsal
 vestido já dos raios do planeta
 18 que leva em reta via cada qual.
 Então fez-se a tremura um pouco quieta,
 que no lago do cor me persistira
 21 a noite que eu passei tão inquieta.
 E como aquele que a arfar respira,
 pois já na riba ao pélogo se esquiva,
 24 se volve à água perigosa e mira,
 assim minh' alma, ainda fugitiva,
 volveu-se atrás a remirar o passo
 27 que não deixou jamais pessoa viva.
 Pois repousado um pouco o corpo lasso,

1. No meio... vida: Dante situa a viagem além-mundo de que é protagonista no ano de 1300; nascido em 1265, tem perto de 35 anos, estando a meio da vida, estimada em 70 anos.

2. selva escura: simboliza a vida errônea do pecado.

11. sono: o torpor e obscurecimento da alma em que vive o pecador.

12. a verdadeira via: aquela que conduz a Deus.

13. um monte: a felicidade terrena a que deve ascender iluminado pelo sol da Graça divina.

15. cor: coração (arcaísmo).

17. planeta: o Sol, metáfora de Deus, a Graça iluminadora.

30 *ripresi via per la spiaggia diserta,*
 sì che 'l piè fermo sempre era 'l più basso.
 Ed ecco, quasi al cominciar de l'erta,
 una lonza leggera e presta molto,
 33 *che di pel macolato era coverta;*
 e non mi si partia dinanzi al volto,
 anzi 'mpediva tanto il mio cammino,
 36 *ch'i' fui per ritornar più volte vòlto.*
 Temp' era dal principio del mattino,
 e 'l sol montava 'n sù con quelle stelle
 39 *ch'eran con lui quando l'amor divino*
 mosse di prima quelle cose belle;
 sì ch'a bene sperar m'era cagione
 42 *di quella fiera a la gaetta pelle*
 l'ora del tempo e la dolce stagione;
 ma non sì che paura non mi desse
 45 *la vista che m'apparve d'un leone.*
 Questi pareo che contra me venisse
 con la test' alta e con rabbiosa fame,
 48 *sì che pareo che l'aere ne tremesse.*
 Ed una lupa, che di tutte brame
 sembiava carca ne la sua magrezza,
 51 *e molte genti fé già viver grame,*
 questa mi porse tanto di gravezza
 con la paura ch'uscìa di sua vista,
 54 *ch'io perdei la speranza de l'altezza.*
 E qual è quei che volontieri acquista,
 e giugne 'l tempo che perder lo face,
 57 *che 'n tutti suoi pensier piange e s'attrista;*
 tal mi fece la bestia senza pace,
 che, venendomi 'ncontro, a poco a poco
 60 *mi ripigneva là dove 'l sol tace.*
 Mentre ch'i' rovinava in basso loco,
 dinanzi a li occhi mi si fu offerto

30 retomei via p'la praia deserta,
 sempre o pé firme o mais baixo no espaço.
 E eis, quase ao começar a encosta, alerta,
 onça ligeira e veloz no posto,
 33 que de manchado pelo era coberta;
 e não se me partia de ante o rosto,
 mas me impedia a via de destino,
 36 tal que virei a retornar disposto.
 Tempo era do princípio matutino,
 e o sol subia ao alto co' as estrelas
 39 que eram com ele quando o amor divino
 moveu primeiro aquelas coisas belas;
 pois que de bem esperar me eram razão
 42 da fera com a pele às mazelas
 do tempo a hora e doce a estação;
 mas não sem que pavor lá não me desse
 45 a vista que me veio de um leão.
 Este pensei que contra mim viesse
 co' a testa alta e com fome raivosa,
 48 que parecia o ar que del' tremesse.
 E loba, que de tudo cobiçosa
 surgia carregada na magreza,
 51 e muita gente fez viver chorosa,
 esta em mim pôs tamanha a graveza
 com o pavor saído desta vista,
 54 que eu perdi esperança da alteza.
 E como aquele que com gosto aquista,
 e chega o tempo que perder o faz,
 57 que em todo o seu pensar chorando atrista;
 assim me fez a besta que é sem paz,
 que, vindo-me ao encontro, pouco a pouco,
 60 tornava-me onde o sol lá mudo jaz.
 Enquanto eu desabava em baixo loco,
 ante os meus olhos veio a descoberto

39

30. sempre... espaço: o pé que avança é menos firme que o de trás, portanto, sobe inseguro.

31 e seg.: as três feras são símbolos de impedimentos pecaminosos à salvação: a onça significa a luxúria; o leão, a soberba; a loba, a avidez.

37-40. Tempo... belas: primeira hora matutina do equinócio da primavera (em que a tradição situava a criação do mundo).

60. tornava-me... jaz: constringia-o a regressar à selva escura.

61. loco: lugar (arcaísmo).

62 e seg.: apresenta-se Virgílio, poeta que nasceu em Andes, perto de Mântua, viveu no tempo pré-cristão de Júlio César e do primeiro imperador romano, Augusto, e foi cantor da epopeia de Eneias, filho de Anquises, que partiu da sua Troia incendiada para fundar Roma.

63 *chi per lungo silenzio parea fioco.*
 Quando vidi costui nel gran deserto,
 «Miserere di me», gridai a lui,
 66 «qual che tu sii, od ombra od omo certo!»
 Rispuosemi: «Non omo, omo già fui,
 e li parenti miei furon lombardi,
 69 mantoani per patria ambedui.
 Nacqui sub Iulio, ancor che fosse tardi,
 e vissi a Roma sotto 'l buono Augusto
 72 nel tempo de li dèi falsi e bugiardi.
 Poeta fui, e cantai di quel giusto
 figliuol d'Anchise che venne di Troia,
 75 poi che 'l superbo Ilión fu combusto.
 Ma tu perché ritorni a tanta noia?
 perché non sali il diletto monte
 78 ch'è principio e cagion di tutta gioia?»
 «Or se' tu quel Virgilio e quella fonte
 che spandi di parlar sì largo fiume?»,
 81 rispuos' io lui con vergognosa fronte.
 «O de li altri poeti onore e lume,
 vagliami 'l lungo studio e 'l grande amore
 84 che m'ha fatto cercar lo tuo volume.
 Tu se' lo mio maestro e 'l mio autore,
 tu se' solo colui da cu' io tolsi
 87 lo bello stilo che m'ha fatto onore.
 Vedi la bestia per cu' io mi volsi;
 aiutami da lei, famoso saggio,
 90 ch'ella mi fa tremar le vene e i polsi.»
 «A te convien tenere altro viaggio»;
 rispuose, poi che lagrimar mi vide,
 93 «se vuo' campar d'esto loco selvaggio;
 ché questa bestia, per la qual tu gride,
 non lascia altrui passar per la sua via,
 96 ma tanto lo 'mpedisce che l'uccide;
 e ha natura sì malvagia e ria,
 che mai non empie la bramosa voglia,
 99 e dopo 'l pasto ha più fame che pria.
 Molti son li animali a cui s'ammoglia,

63 quem por longo silêncio julguei rouco.
Quando este vi naquele grão deserto,
«*Miserere* de mim», gritei-lhe eu,
66 «quem quer que sejas, sombra ou homem certo!»
«Não homem, fui já homem», respondeu,
«e eram lombardos, ambos mantuanos
69 por pátria a minha mãe e o padre meu.
Nasci *sub Iulio*, embora em tardos anos,
vivi em Roma sob o bom Augusto,
72 na vez dos deuses falsos e de enganos.
Poeta fui, cantei aquele justo
filho de Anquises que veio de Troia,
75 pós o soberbo Ílion ser combusto.
Mas tu porque tornaste a tanta anoa?
porque não sobes o aprazível monte
78 princípio e razão de alegre joia?»
«És tu aquel' Virgílio, aquela fonte
que expande no falar tão largo flume?»,
81 lhe respondi com vergonhosa frente.
«Ó tu, dos mais poetas honra e lume,
valha-me o longo estudo e grande amor
84 que me fez procurar o teu volume.
Tu és o mestre meu e o meu autor,
tu és aquele só de quem colhi
87 o belo estilo que me deu honor.
Vê tu a besta por que eu me volvi;
famoso sábio, ajuda-me à coragem,
90 que veias, pulsos faz tremer em mi'.»
«A ti convém tomar outra viagem»,
me respondeu, pois viu-me lagrimar,
93 «se queres evitar lugar selvagem;
que esta besta, que te fez gritar,
passar não deixa em via sua alguém,
96 mas tanto impede que o pode matar;
natura tão malvada e crua tem,
que a avidez voraz nunca é saciada,
99 e após o pasto mais lhe a fome vem.
Com muitos animais é acasalada,

e più saranno ancora, infin che 'l veltro
 102 verrà, che la farà morir con doglia.
 Questi non ciberà terra né peltro,
 ma sapienza, amore e virtute,
 105 e sua nazione sarà tra feltro e feltro.
 Di quella umile Italia fia salute
 per cui morì la vergine Cammilla,
 108 Eurialo e Turno e Niso di ferute.
 Questi la caccerà per ogne villa,
 fin che l'avrà rimessa ne lo 'nferno,
 111 là onde 'nvidia prima dipartilla.
 Ond' io per lo tuo me' penso e discerno
 che tu mi segui, e io sarò tua guida,
 114 e trarrotti di qui per loco eterno,
 ove udirai le disperate strida,
 vedrai li antichi spiriti dolenti,
 117 che la seconda morte ciascun grida;
 e vederai color che son contenti
 nel foco, perché speran di venire
 120 quando che sia a le beate genti.
 A le quai poi se tu vorrai salire,
 anima fia a ciò più di me degna:
 123 con lei ti lascerò nel mio partire;
 ché quello imperador che là sù regna,
 perch' i' fu' ribellante a la sua legge,
 126 non vuol che 'n sua città per me si vegna.
 In tutte parti impera e quivi regge;
 quivi è la sua città e l'alto seggio:
 129 oh felice colui cu' ivi elegge!»
 E io a lui: «Poeta, io ti richeggio
 per quello Dio che tu non conoscesti,
 132 acciò ch'io fugga questo male e peggio,
 che tu mi meni là dov'or dicesti,
 sì ch'io veggia la porta di san Pietro
 e color cui tu fai cotanto mesti.»
 136 Allor si mosse, e io li tenni dietro.

e mais serão, 'té que o lebréu virá
 102 que a fará morrer adolorada.
 Este nem terra ou peltre comerá,
 mas sapiência, amor e mais virtude,
 105 e entre feltro e feltro nascerá.
 Será da humilde Itália a saúde
 por que morreu a virginal Camila,
 108 Turno, Euríalo e Niso em golpe rude.
 Este a acossará por toda a vila,
 até a ter reposto no inferno,
 111 donde antes foi a inveja eximi-la.
 Donde discirno que p'ra teu governo
 debes seguir-me, e eu serei teu guia,
 114 levar-te-ei daqui por loco eterno,
 onde ouvirás aflita gritaria,
 verás antigos 'spíritos dolentes,
 117 cada a segunda morte injuria;
 e aqueles tu verás que estão contentes
 no fogo, porque ainda esperam ir
 120 juntar-se um dia às beatas gentes.
 Às quais, depois, querendo tu subir,
 alma há que mais do que eu tem dignidade:
 123 com ela irei deixar-te em meu partir;
 o imperador que reina em sumidade,
 pois fui à sua lei rebelde herege,
 126 não deixa ir por mim à sua cidade.
 Em toda a parte impera e aqui rege;
 aqui é sua cidade e alta sede:
 129 oh, feliz esse que ele ali elege!»
 E a ele eu: «Poeta, me concede,
 por esse Deus que tu não conheceste,
 132 que eu fuja a este mal e ao que o excede,
 que tu me leves lá onde disseste,
 e a porta de S. Pedro se revele
 e aqueles que tão tristes descreveste.»
 136 Então moveu-se, e eu atrás fui dele.

43

101. lebréu: personalidade providencial (política ou eclesiástica) de necessária salvação.

107-108. Camila... Niso: heróis da Eneida de ambas as partes em combate, cujas mortes pela supremacia no Lácio são

consideradas necessárias à criação providencial do Império romano.

112-114. Donde... eterno: Virgílio propõe-se ser o guia de Dante pelo Inferno e Purgatório.

122-126. alma... cidade: pagão, Virgílio terá de ceder a guia do Paraíso a uma alma beata.

130-136. Poeta... dele: Dante aceita de bom grado seguir Virgílio e põem-se a caminho.

Títulos publicados na coleção Itálica

RIMAS, DE MICHELANGELO BUONARROTI

Tradução de João Ferrão

RIMAS, DE GUIDO CAVALCANTI

Tradução de A. Ferreira da Silva

VIDA NOVA · RIMAS, DE DANTE ALIGHIERI

Tradução de Jorge Vaz de Carvalho e António Mega Ferreira

VIDA DE UM HOMEM — TODA A POESIA,
DE GIUSEPPE UNGARETTI

Tradução de Vasco Gato

MÁSCARAS NUAS — UMA SELEÇÃO,
DE LUIGI PIRANDELLO

Organização de Jorge Silva Melo e Mariana Mauricio

